

# NOTAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA BIOBIBLIOGRAFIA: desvelando velhos edifícios e arquitetando novos horizontes

NOTES FROM THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF BIOBIBLIOGRAPHY: unveiling old  
buildings and architecting new horizons

Diogo Xavier da Mata | Gustavo Silva Saldanha

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag22a1>

**Resumo:** O trabalho busca aprofundar a pesquisa crítica epistemológico-histórica em biobibliografia, que ainda carece de maiores investidas no debate informacional contemporâneo. Explorar e evidenciar uma história da biobibliografia, a partir da materialidade documental dessas fontes. Descrever os solos epistêmicos bibliográficos e documentalistas em que se sustenta a biobibliografia. Apontar seus efeitos sócio-políticos e refletir sobre as potências do trabalho biobibliográfico no contemporâneo. Trata-se de pesquisa crítica epistemológico-histórica a partir de uma seleção e exploração de documentos classificados como bibliográficos entre os séculos XV e XX. Utiliza-se elementos e noções dos procedimentos arqueológico-discursivos de Michel Foucault. Inspecciona algumas obras reconhecidas como biobibliográficas e busca descrever as formações discursivas entre esses diferentes artefatos. Propõe, de forma experimental, que a biobibliografia tenha funcionado historicamente, no período estudado, a partir de três noções epistêmicas distintas, a seleção, a referência e a medição. A partir dos artefatos apresentados, da descrição dos funcionamentos históricos do discurso biobibliográfico, assenta-se perspectivas de caráter crítico para o exercício biobibliográfico. A biobibliografia é produto da ação de representação e organização de pessoas em uma cultura bibliográfica moderna de racionalização do mundo, apesar de sua formação histórico-epistêmica ser de cunho positivista e hegemônica, ela, a biobibliografia, pode ser investida de um caráter crítico para representatividade de grupos subalternizados.

**Palavras-chave:** Biobibliografia; Epistemologia histórica; Fontes de informação biobibliográficas; Análise do discurso biobibliográfico; Arqueologia do discurso.

**Abstract:** The work seeks to deepen critical epistemological-historical research in biobibliography, which still lacks greater investment in the contemporary informational debate. Explores and highlight a history of biobibliography, based on the documentary materiality of these sources. Describes the epistemic bibliographic and documentalist soils on which biobibliography is supported. Points out its socio-political effects and reflects on the potential of biobibliographic work in the contemporary world. This is critical epistemological-historical research based on a selection and exploration of documents classified as bibliographic between the 15th and 20th centuries. Elements and notions from Michel Foucault's archaeological-discursive procedures are used. Inspects some works recognized as biobibliographical and seeks to describe the discursive formations between these different artifacts. It proposes, in an experimental way, that biobibliography has worked historically, in the period studied, based on three distinct epistemic notions, selection, reference and measurement. From the artifacts presented, from the description of the historical functioning of the biobibliographic discourse, critical perspectives for the biobibliographic exercise are based. Biobibliography is the product of the action of representation and organization of people in a modern bibliographic culture of rationalization of the world, despite its historical-epistemic formation being of a positivist and hegemonic nature, it, biobibliography, can be invested with a critical character for representation of subordinated groups.

**Keywords:** Biobibliography; Historical epistemology; Biobibliographic information sources; Biobibliographic discourse analysis; Archaeology of discourse.

## **1. Uma porteira epistemológico-histórica para o sítio da biobibliografia**

A partir da epistemologia histórica em Biblioteconomia e Ciência da Informação, reconhecemos que o pensamento humano está radicalmente alicerçado em uma organização primordial de códigos ordenadores registrados. No âmbito de tais códigos, há um nível de organização primeira, não discutível, porém, submisso ao devir histórico, em que as outras formas de classificar e organizar o mundo se assentam, seriam assim os solos epistêmicos, seguindo o pensamento de Olga Pombo (1998) apoiada em Michel Foucault (2016).

Se o processo de organização dos materiais, e das matérias, depende de uma divisão em que separamos pelas diferenças e reunimos pelas semelhanças, então o processo de classificação é um ato de recortar através de uma característica, conforme exposição de Maria Piedade (1983). Tal como preconiza Georges Vignaux (1999), só podemos pensar o mundo se o organizarmos, e nos habituamos, de fato, a pensá-lo a partir de uma organização. Por consequência, corremos, sempre, o risco de naturalizarmos certas formas, modelos, de organizar o mundo ao nosso redor e perdermos a perspectiva histórica e artificial de toda a forma de classificação. Por isso, a necessidade de reconhecermos a possibilidade de outras formas de classificar, uma reflexão crítica a partir dos processos de ordenação e do que eles produzem. Por outro lado, para não padecermos do eterno risco provocado pela conhecida enciclopédia do escritor Jorge Luis Borges, temos que operar recortes dentro de um espaço primeiro, dito na Modernidade como um lugar de razão, já delimitado pelos códigos ordenadores culturais, acompanhando um devir histórico e experimentando possíveis avanços, saltos epistêmicos e praxiológicos, da teorização do saber à simbiose prático-teórica.

Esta organização do mundo a nossa volta gera diversos registros e artefatos documentais. Esses, na forma de um produto, tornam-se fontes de informação. O estudo da praxiologia desses instrumentos, dessas fontes, por meio de sua ordem discursiva, deixa evidentes, porém não transparentes, os códigos de recorte, de apropriação, de apresentação, de hierarquização e de formas de pensamento que sustentam todo o discurso sobre as coisas que organizam (FOUCAULT, 2016)<sup>1</sup>.

A partir dessas noções, queremos examinar as fontes de informação biobibliográficas, mas, para isso, devido ao pouco estudo acerca desse tipo documental nas tradicionais pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação, precisamos trabalhar um lugar comum acerca do que seja, para nós, a biobibliografia e o traço biobibliográfico. A noção de biobibliografia, que inicialmente queremos trabalhar, está ancorada nas fontes de informação biográficas, que segundo Murilo Cunha (2020:81) são: “tipo de documento ou fonte de informação que relata a vida e a atividade de alguém” (grifo nosso). Essas fontes de informação dizem quem são os biografados, local de nascimento e morte (se for o caso), as atividades desempenhadas, suas formações, conquistas, suas relações familiares, suas

---

<sup>1</sup> Nos referimos ao que podemos chamar de primeira fase de pesquisa foucaultiana, em que o intelectual francês produziu diversas análises críticas da história do pensamento ocidental, passando por temas como a Loucura, a Clínica e os próprios sistemas de pensamento a que ele chamou epistemê. Seu pensamento, apesar de possuir uma clara linha de raciocínio contínuo, pode ser dividido em três momentos a arqueologia do discurso ou do saber, a genealogia do poder ou das relações de poder e uma analítica da subjetividade.

publicações, entre outras informações. A depender da seleção dos indivíduos elas podem ser chamadas “dicionários biográficos” (pessoas do passado) ou “diretórios biográficos” (pessoas do presente).

Dentro do conjunto de classes que podemos formar a partir do domínio das fontes biográficas, privilegiamos uma característica que insere nessa coleção uma incisão, o traço da biobibliografia. Diz-se dela: “estudo da vida e das obras de um autor, as quais são referenciadas de acordo com as normas bibliográficas; em geral, inclui a referência dos textos críticos sobre o autor e suas obras” (CUNHA e CAVALCANTI, 2008:56, grifo nosso). A biobibliografia, em sua concretude, representa o conjunto das fontes de informação que apresentam a vida e a obra de um autor, a partir da definição do dicionário citado. Definição intimamente ligada àquela apresentada por Cunha (2020). Sendo assim, percebemos que as fontes biobibliográficas, no âmbito da Biblioteconomia, funcionam para representar e organizar a comunidade das pessoas autoras.

Afim de coletar os artefatos para análise, permitimo-nos recortar o universo bibliográfico de referência a partir desta simples definição. Ou seja, selecionamos obras de referência, principalmente dicionários, catálogos, enciclopédias e diretórios, publicados no período da passagem para o que chamamos de Modernidade até fins do século XX em que as autorias são repertoriadas a partir de seus nomes próprios, descritas a partir de um certo conjunto predominante de descritores e relacionados com as suas atividades ou obras. Se pensarmos o universo informacional/documental para além da relação autoria e obra, teremos um conjunto de fontes de informação que selecionam, organizam, classificam, descrevem e indexam um grupo de pessoas e seus legados, suas notoriedades.

No plano do recorte linguístico, o latim, o francês, o inglês e o português foram as línguas contempladas pelas obras analisadas. A seleção não se propôs exaustiva, tendo em vista os impedimentos intrínsecos, tais como quantidade exorbitante de textos a serem analisados, dificuldade de acesso a certas obras consideradas raras, deslocamento geográfico, assim como impedimentos de momento, tal como o contexto da Pandemia de Covid-19 que acontece em paralelo ao início da pesquisa no contexto 2019-2022<sup>2</sup>.

Pode ser verificado no Quadro 1 deste trabalho que o *corpus* dos dados analisados se concentrou demasiadamente em obras não brasileiras, em razão do contexto histórico-temporal pesquisado para esta etapa da discussão epistemológico-histórica da biobibliografia, enquanto tradição, técnica e saber bibliográfico. As biobibliografias nacionais (brasileiras), no entanto, estão contempladas no *corpus*, o que pode dar uma falsa impressão de descontinuidade ou descontextualização. Contudo, justificamos e advogamos a coerência da amostra empírica tendo em vista a colonização europeia que, em parte, formou nossa cultura bibliográfica, tendo em vista, inclusive, o deslocamento da Biblioteca Real Portuguesa, que funda a coleção inicial da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Portanto, não nos parece que o contexto bibliográfico de produção das biobibliografias analisadas esteja desconectado da tradição europeia predominante.

O objetivo geral da pesquisa foi pensar uma arqueologia do discurso biobibliográfico, para, a partir de um processo de reflexão e exploração teórica, experimental e retórico, apoiado

---

<sup>2</sup> Cabe explicar que esta pesquisa, ora apresentada na forma de artigo científico, teve início em curso de mestrado vivenciado durante o período citado.

em potencialidades possíveis de tal dispositivo, indicar o que a biobibliografia pode ser para agenciar um mundo mais justo, representativo e diverso, dentro e fora do circuito biblioteconômico autoria/obra publicada. A partir do objetivo geral, os objetivos específicos foram delineados em três pontos principais: a) explorar a existência, ou não, de uma tradição biobibliográfica enquanto fontes de informação; b) reconhecer e registrar, se existente, os vestígios dessa tradição em relação às discussões histórico-filosóficas do campo biblioteconômico-informacional; c) realizar uma descrição das diferentes estratégias biobibliográficas, saltos, descontinuidades, e experimentar uma crítica ao seu desenvolvimento presente e futuro.

Esses dispositivos registram a biografia, enquanto trajeto da vivência ou da existência, e a bibliografia, em um sentido amplo de lista de escritos, de publicações, de legados (concretos ou simbólicos). Na contemporaneidade, esses artefatos parecem estar em toda parte, entre sistemas institucionais e redes privadas de circulação de dados pessoais, ávidos por retirar das sombras todo e qualquer sujeito, dar-lhe um espaço, supostamente gratuito, neutro e livre, para que possa representar-se, expressar-se, classificar-se, são eles, desde o Currículo Lattes<sup>3</sup> no contexto brasileiro, no campo da ciência, até o Facebook (uma foto, um nome próprio e uma lista de publicações, próprias ou compartilhadas, e citações), no campo das interações sociais, ou ainda os verbetes biográficos na Wikipédia.

Parecer-nos-ia que estes tipos de dispositivo, aparentemente tão difusos e diferentes, tinham algo em comum, comungavam de uma mesma história dos dicionários biográficos de autores, ou dos *Who's who* de nossa história mais recente. Tratar-se-ia de expressões de uma racionalidade que não para de recortar, comparar e organizar o mundo para que possa entendê-lo, não só as coisas ou as palavras, mas também as pessoas, coisificadas por palavras. Portanto, tivemos a pretensão de tentar escrever parte dessa história, tecer o fio condutor entre essas fontes, ou entre esses dispositivos, de informação. Propomos que esse “fio de Ariadne” é a noção de biobibliografia, enquanto documentação das vidas e dos legados das pessoas.

## **2. Arados “arqueológicos” para o solo da biobibliografia**

Todos os objetivos da pesquisa dependiam da construção de uma história das fontes de informação biobibliográficas, ou seja, o reconhecimento do caráter biobibliográfico em fontes de informação diversas e dispersas no tempo e na forma de apresentação – a esquematologia dos sistemas biobibliográficos. A “arqueologia do discurso” é um modo para denominar os procedimentos de pesquisa empenhados por Michel Foucault, e adaptado por nós nesta pesquisa. Ele usou a fórmula arqueológica do saber para classificar as histórias do pensamento que ele havia produzido até então, a história da loucura e a história das epistemes em *As Palavras e as coisas*. O que Michel Foucault buscava analisar eram as regularidades e as descontinuidades ocorridas em um certo espaço de saber, a

---

<sup>3</sup> A base de dados denominada Currículo Lattes faz parte da Plataforma Lattes, que integra o Currículo, o Diretório de Grupos de Pesquisa, o Diretório de Instituições, o Painel Lattes e o Repositório de Dados de Pesquisa. A Plataforma é fomentada e coordenada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Currículo Lattes trata-se de um sistema de informações onde é possível registrar, comunicar, recuperar e aferir a vida atual e pregressa dos autores, e suas produções, da rede científica, tecnológica e de inovação no Brasil.

ordem de aparecimento dos discursos, condicionado e possibilitado pelo arranjo da episteme de determinado período histórico. Uma certa escavação que buscava demonstrar camadas profundas dos discursos de saber e como essas sustentavam enunciados de superfície, produzindo um efeito de verdadeiro. Mas também demonstrar como a Psiquiatria, por exemplo, enquanto estância do saber, não foi a mesma no decorrer do tempo, ela guarda interrupções, descontinuidades, profundas mudanças em seu modo de entender e encarar suas palavras e coisas. Interessava-se pelas descontinuidades, pelas mudanças históricas em sistemas de pensamento mais ou menos destacados.

A análise do discurso, portanto, não está centrada na figura de um autor que discursa ou de uma obra que contenha o discurso. A descrição está nos limites do espaço de possibilidade do próprio discurso, o território onde a discursividade se cria e se faz comensurável, está na descrição das regras que permite a um discurso, disperso em diversos textos e autores, emergir e apresentar uma regularidade. Sendo assim, para fins da nossa pesquisa, a marca biobibliográfica não estava em um determinado tipo de obra denominada como tal ou em um conjunto de autores, técnicos, bibliógrafos, ela se encontra como um traço presente em diversas fontes de informação. O projeto biobibliográfico se realiza nas páginas de “Quem é Quem” de um *site* qualquer, está na documentariedade do conjunto de juízes do Supremo Tribunal Federal, nas diversas listas que venham indicar “os maiores políticos de todos os tempos”, “os craques do futebol brasileiro”, “a lista de desaparecidos no período da ditadura militar”, “os palestinos mortos pelos ataques de Israel”, entre muitas outras listas que selecionam, ordenam e classificam uma massa de pessoas a partir de seus nomes próprios e de algumas informações biográficas.

Isto significa dizer que a biobibliografia, enquanto objeto do saber bibliográfico, já estava presente enquanto discurso em obras que sequer citaram o termo “biobibliografia”, como estava também em autores diversos que não compartilhavam um objetivo único comum que seria a prática biobibliográfica. Em absoluto, vimos biobibliografias de cidadãos, de músicos, de autores, com diversas formas de apresentação e descrição, partindo de fontes que buscavam dar histórias de vidas como exemplo a ser seguido, dar uma imagem simbólica da opulência de um reinado, apresentar uma força de trabalho, registrar o conhecimento de um conjunto de pessoas, enfim, diversos objetivos, diversos objetos, diversos biobibliografados e diversas formas de apresentação, conjurando diversos sistemas de pensamento biobibliográfico.

A biobibliografia foi construída por estas fontes, não era um conceito metafísico anterior que as sustentava, como em uma fenomenologia. Muito menos os autores ao construí-la estavam dela conscientes, como numa pretensa hermenêutica. O que existia, e o que nos permitiu agrupá-las, é um conjunto de disposições discursivas específicas que se repetiam na formatação do conteúdo do discurso. A apresentação em listas, o império do nome próprio, certos metadescritores sempre presentes (datas de nascimento e morte, filiação, lugar de nascimento, são exemplos), a busca pela caracterização inequívoca, entre outros. A essas regras tentamos descrever.

Como num jogo de escavação, a arqueologia do discurso tenta escavar as diversas camadas enunciativas que sustentam a superfície do discurso. E o enunciado estava entendido como unidades elementares que formam o discurso, ele não é a proposição lógica, não é totalmente linguístico, nem totalmente material. O enunciado está ligado ao espaço do discurso, às suas leis de possibilidades e regras de existência, uma espécie de noção

contextual, histórico-espacial. Tem ligação íntima e direta com o sujeito do discurso, que não seria a figura do autor, mas o espaço regrado vazio em que um corpo com determinadas especificidades pode assumir. O enunciado tem caráter material repetível. O enunciado é uma função (MACHADO, 1974; FOUCAULT, 2019).

Essa arqueologia nos serve tanto para estabelecer padrões que nos permitiriam reunir as fontes de informação que passaríamos a tratar como biobibliográficas, quanto para realizarmos uma análise de sua história. Apesar de não ser dos métodos mais comuns em Ciência da Informação, a arqueologia do discurso de Foucault já foi proposta no campo. Bernd Frohmann (2008:25) diz: “existe um caminho direto a partir da análise do discurso de Foucault (a análise dos enunciados) para o estudo da materialidade da informação”. O neodocumentalista acredita que o estudo da materialidade e da força do enunciado são importantes para os estudos documentalistas, chegando a estudar no mesmo texto uma noção importante para o próprio estudo biobibliográfico: o papel da documentação na invenção de “tipos de pessoas” espécie de classes em que as pessoas poderiam se inserir para serem nomeadas como partícipes dessa classificação e passarem a existir através dela (FROHMANN, 2008). Além desse trabalho, Frohmann (1994) escreveu que o estudo do discurso, tal como preconizado por Foucault, permitiria analisar a informação e seus usos. Outro autor do campo da documentação que tratou das análises do discurso em Foucault como uma possibilidade para o campo da informação foi Ronald Day (2005).

### **3. A categoria biobibliográfica enunciada no terreno bibliográfico, documentalista e biblioteconômico**

O arquivista francês Ernest-Daniel Grand (1888), em um texto sobre o gênero das biografias, aponta o quão impactante foi a invenção da prensa para a publicação de trabalhos biográficos, inclusive o que ele chama de Dicionários Biográficos. A partir do século XVI, continua o arquivista, começam a aparecer, nas palavras dele, os “dicionários bio-bibliográficos”. Ao dar exemplos, Grand cita Gesner, La Croix du Maine, Du Verdier, Nicéron, Bale e Brunfels com seu *Catalogus illustrium medicorum* (1530). Alguns desses nomes já haviam sido incluídos na pequena lista de biografias de bibliógrafos no *Discurso preliminar* de Gabriel Peignot (1802:X), entre eles Du Verdier, Gesner, Lacroix du Maine e Nicéron. O fato parece apontar para uma dupla interpretação do trabalho desses grandes pesquisadores, por um lado, como obras biográficas, e, por outro, obras bibliográficas. Acreditamos, que a noção de biobibliografia seja mais específica para classificá-las.

Para Paul Otlet (2018), as biobibliografias estariam incluídas na classe dos anuários, assim como os almanaques, calendários, agendas e listas de pessoal, fontes de informação. Segundo ele, esse tipo de fonte reproduziria a cada ano uma série de fatos referentes a um espaço dado. O caráter principal estaria na atualização anual dessa fonte de informação, incluindo o foco na situação e no progresso de determinado estado de coisas. As biobibliografias funcionariam como uma espécie de anuários especializados em determinado grupo de pessoas escritoras, por exemplo, os anuários dos cientistas, dos literatos ou dos artistas, podendo estes serem ainda mais específicos. O documentalista belga cita ainda a ideia de um grande “quem é quem” internacional que estaria acima desses anuários, segundo o projeto de seu Instituto. De acordo com Otlet (2018:253) essa seria uma “lista biobibliográfica das principais personalidades”. Em outra parte de seu texto, quando aborda outros tipos de bibliografias, Otlet (2018:461) aborda as ditas biografias, e

cita mais uma vez as biobibliografias entre dicionários e anuários como importantes fontes para informações biográficas acerca dos autores. Ao dar exemplos de trabalhos desse gênero, cita Niceron, entre outros. Como dicionários biográficos, Otlet (2018), trata diretamente sobre os *Who's who*. As considerações de Otlet denotam sua preocupação com a atualização de informações correntes acerca de um grupo de pessoas notáveis, preocupação que parece estar presente no mundo da ciência desde a *République des Lettres* (BURKE, 2011).

Louise-Noelle Malclès (1960), pesquisadora bibliógrafa francesa, escreveu a história da bibliografia desde o século XVI até o século XX, passando por diversas fases da bibliografia, por diversas obras e diversas autorias. Diz ela:

Em verdade, os primeiros repertórios se parecem mais a dicionários biográficos do que a nossas bibliografias atuais, nas quais se sacrifica aos autores pela descrição completa e técnica dos livros. Ao invés, as bibliotecas, *scriptores* ou *catalogus scriptorum* nos fazem conhecer antes de mais nada aos escritores e suas obras, e depois, muito sumariamente, os livros (MALCLÈS, 1960:14).

Ao falar do trabalho de São Jerônimo, *Scriptores ecclesiasticorum vitae*, de 420 d.C., e da obra de Genasio de Marsella, *Illustrium virorum catalogus*, de 495 d. C., os classifica propriamente como obras biobibliográficas. O clássico repertório de Malclès é como um guia para as obras de caráter biobibliográfico que analisamos. Ela demonstra como os primeiros repertórios, aqueles que começavam a trilhar o caminho bibliográfico eram antes de mais nada fontes biográficas, eram os autores que se desejava antes de mais nada fazer conhecer. Malclès (1960) indica quão longínqua é a raiz da biobibliografia para o mundo ocidental.

A noção de biobibliografia também se confunde com a história da catalogação, isso se separarmos a história das disciplinas científicas Bibliografia e Catalogação como coisas totalmente distintas, o que não se justifica em termos histórico-epistemológicos, no entanto serve bem para o que queremos demonstrar. Anamaria da Costa Cruz (1994) entre os catálogos auxiliares, aqueles que servem para auxiliar o serviço do bibliotecário, cita o catálogo biobibliográfico:

Catálogo biobibliográfico, de identidade ou de autoridade é o que registra os dados biográficos e bibliográficos de autores dos quais a biblioteca possua obra. Trata-se de catálogo de grande importância na biblioteca, auxílio indispensável à manutenção da uniformidade das entradas dos nomes pessoais, dos títulos uniformes e das entidades coletivas (CRUZ, 1994:152).

As fichas biobibliográficas se assemelhavam ao que hoje poderíamos chamar de catálogo autorizado para nomes de pessoas autoras. O registro da forma do nome do autor, que deveria padronizar a entrada principal para as fichas do catálogo, era sua principal função. Os dicionários biográficos e os dicionários biobibliográficos são ambos apontados como fonte de informação para elaboração de uma ficha biobibliográfica. A ficha possuía a entrada padronizada para o nome do autor, responsável ou colaborador de uma obra, datas de nascimento e morte (se fosse o caso), fonte positiva dos dados e indicação bibliográfica da obra na biblioteca. Essas atividades da catalogação contemporânea indicam um retrospectivo histórico que nos leva à história das biobibliografias.

Também na última década do século XX, Sen e Gan (1990) direcionaram a biobibliografia para um novo campo discursivo, o da bibliometria. A mudança na formação discursiva de aplicação do conceito deu origem ao termo pouco difundido, mas muito praticado no mundo todo, a biobibliometria. Tratando a biobibliografia como uma lista anotada de toda sorte de publicações de uma pessoa, junto com uma lista biográfica, eles deram o salto para a biobibliometria, que seria a aplicação dos métodos bibliométricos em dados biobibliográficos. Segundo eles, seria uma ótima forma de demonstrar indicadores da produção e comunicação científica entre os cientistas. E alertaram para a necessidade de uma compilação detalhada da “biodata”. Por mais que, como dito anteriormente, o termo não tenha se popularizado, as análises métricas para avaliar, classificar e bonificar pesquisadores, explicitando o que Pierre Bourdieu (1989; 2007; 2008; 2013) chama de capital simbólico, *homo academicus* e distinção, é prática corrente em diversos países do mundo ocidental.

#### 4. Provas de vida: os veios de uma longa história cultivada das fontes biobibliográficas

Apresentamos um quadro com as principais obras biobibliográficas recolhidas nesta comitiva. Estão organizados cronologicamente por publicação. O quadro apresenta a autoria, o título e o ano de publicação. Os títulos são *hiperlinks* para o acesso a obra completa disponível na *web*. O objetivo de apresentá-las nesse formato, e não em uma lista de referências, intenta não as confundir com o cabedal teórico que foi utilizado para pensar o discurso biobibliográfico por elas materializado. Pensamos também que essa apresentação em quadro facilitaria a rápida consulta às suas informações de publicação, melhor que uma lista de referências, tendo em vista que serão bastante citadas na próxima seção.

Quadro 1 – Lista selecionada do corpus biobibliográfico recolhido para a pesquisa

AUTORIA	TÍTULO	ANO
Johannes Trithemius (1462-1516)	<a href="#"><i>Liber de scriptoribus ecclesiasticis</i></a>	1494
Johannes Trithemius (1462-1516)	<a href="#"><i>Catalogus illustrium vivorum germaniae</i></a>	1495
Symphorien Champier (1471-1539)	<a href="#"><i>De medicine claris Scriptoribus</i></a>	1506
Otto Brunfels (1488-1534)	<a href="#"><i>Catalogus illustrium medicorum, sive de primis medicinae scriptoribus</i></a>	1530
François Grudé La Croix Du Maine (1552-1592)	<a href="#"><i>La Bibliotheque du sieur de La Croix du Maine: qui est un catalogue general de toutes sortes d'Autheurs, qui on escrit em François...</i></a>	1584

Antoine Du Verdier (1544-1600)	<a href="#"><i>La bibliotheque d'Antoine du Verdier sibneur de Vauprivas: contenant le catalogue de tous ceux qui on escrit, ou traduit en François...</i></a>	1585
Giacomo Alberici (1550-1610)	<a href="#"><i>Catalogo breve degli illustri e famosi scrittori venetiani</i></a>	1605
Philippe Alegambe (1598-1652)	<a href="#"><i>Bibliotheca Scriptorum Societatis Iesu</i></a>	1643
Denis Simon (1648- -1731)	<a href="#"><i>Nouvelle Bibliothèque historique et chronologique des principaux auteurs et interprètes du droit civil, canonique et particulier de plusieurs États et provinces</i></a>	1692
Louis Ellies Du Pin (1657-1719)	<a href="#"><i>Nouvelle bibliotheque des auteurs ecclesiastiques</i></a>	1693
Adrien Baillet (1649- -1706)	<a href="#"><i>Jugemens des savans sur les principaux ouvrages des auteurs</i></a>	1722
Jean-Pierre Niceron (1685-1757)	<a href="#"><i>Memoires pour servir a l'histoire des hommes illustres dans la Republique des Letres</i></a>	1729
Rémi Ceillier (1688- -1761)	<a href="#"><i>Histoire generale des auteurs sacrés et ecclesiastiques</i></a>	1729
Pierre Barral (1700- -1772)	<a href="#"><i>Dictionnaire historique, littéraire et critique</i></a>	1758
Prosper Marchand (1678-1756)	<a href="#"><i>Dictionnaire historique, ou memoires critiques et litteraires</i></a>	1758
Pierre Grosley (1718- -1785) e Louis-Mayeul Chaudon (1737-1817)	<a href="#"><i>Nouveau dictionnaire historique-portatif, ou histoire abrégée de tous les hommes qui se sont fait um nom par des talents...</i></a>	1766
Louis-Mayeul Chaudon (1737-1817)	<a href="#"><i>Dictionnaire universel, historique, critique et bibliographique, ou histoire abrégée et impartiale des hommes de toutes les nations...</i></a>	1810
Louis-Gabriel Michaud (1773-1858)	<a href="#"><i>Biographie universelle ancienne et moderne</i></a>	[1811?]
Gabriel Peignot (1767- -1849)	<a href="#"><i>Dictionnaire biographique et bibliographique, portatif, des personnages illustres, célèbres ou fameux...</i></a>	1813
Antoine-François Delandine (1756-1820)	<a href="#"><i>Dictionnaire historique, critique et bibliographique</i></a>	1821
Gabriel Peignot (1767- -1849)	<a href="#"><i>Dictionnaire historique et bibliographique abrégé des personnages illustres, célèbres ou fameux...</i></a>	1821
Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1827-1903)	<a href="#"><i>Diccionario Bibliographico Brasileiro</i></a>	1883

Nérée Quépat (1845-1927)	<a href="#"><i>Dictionnaire biographique de l'ancien département de la Moselle</i></a>	1887
Cyprien Perrossier (1841-1902)	<a href="#"><i>Statistique biograpuique de la Drome d'après le Dictionnaire Biographique de ce département</i></a>	1901
Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)	<a href="#"><i>Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil</i></a>	1970
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)	<i>Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros</i>	1991
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)	<a href="#"><i>Plataforma Lattes</i></a>	1999

Fonte. Produção dos próprios autores.

A própria lista pode ser encarada como um produto deste trabalho, contemplando itens ora pouco estudados na seara nacional do campo, ora sendo vistos como um trabalho puramente bibliográfico sem levar em consideração as questões biográficas do gesto.

## 5. Boca do mundo: a biobibliografia age

O diagnóstico de uma história própria à biobibliografia nos permite estudar suas características a partir de diversos enfoques analisáveis, ou seja, a identificação de um percurso claro de construção de variáveis tangíveis que conferiram ao processo histórico de formação da discursividade biobibliográfica uma cientificidade até o século XX, assim como variáveis intangíveis, do plano hermenêutico ao plano dialético, sobre a teoria crítica da biobibliografia. A grande história biobibliográfica, para nós, se desvela a partir de seus artefatos, monumentos erguidos pelas personagens que se dedicaram à construção da memória do conhecimento acumulado, e suas microestruturas de metarrepresentação de vidas a partir de nomes, notações, feitos bibliográficos e outros rastros biográficos. A formação histórica de cada fonte de informação biobibliográfica nos ajuda a reconstruí-la, a entender seu funcionamento e sua motivação, permite-nos diagnosticar o atual momento biobibliográfico com a certeza histórica da mudança possível, sendo assim é possível construirmos uma outra biobibliografia, ou, ainda, uma teoria crítica da biobibliografia (TCB).

### 5.1. Biobibliografia e a seleção

Primeiro ele tenta uma comparação: aquela massa de homens, cujas armas refletem a luz do sol, é como um fogo que devora uma floresta e como um bando de gansos ou groux que parece atravessar o céu como um trovão – mas nenhuma metáfora o socorre e ele pede auxílio às Musas [...] E decide, portanto, nomear apenas os capitães e os navios (ECO, 2010:17).

No mundo pós-Gutenberg houve uma verdadeira inversão dos problemas bibliográficos, se antes se impunha a escassez de livros, o século XVI passaria a conhecer aquilo que já foi

chamado, de forma pouco satisfatória, de “dilúvio” ou “explosão” bibliográfica. O fato é que a invenção da prensa de tipos móveis acelerou em muito o ritmo de produção de livros, fez crescer exponencialmente a quantidade de livros. Se isso, obviamente, trouxe inúmeros benefícios, como o processo de alfabetização da população, também é verdade que a inovação tecnológica dos quatrocentos acrescentou ao universo dos livros outras dificuldades (BURKE, 2002), mas também outras possibilidades.

Segundo Burke (2002:175) o problema da “seleção e crítica de livros e autores” passa a ser uma adversidade no gerenciamento da informação. A passagem de Eco, na epígrafe desta subcapitular, fala, justamente, a partir de uma perspectiva poético-literária, da incapacidade de Homero dizer todos os nomes do exército em questão. O elenco indizível de guerreiros não se fazia representar por comparações ou metáforas, reconhecida a impossibilidade, ele seleciona, apenas os capitães foram citados, listar os autores durante os séculos posteriores à prensa gutemberguiana tem se demonstrado trabalho hercúleo comparável.

Também os letrados, a partir dos fins do século XVI, passaram a se preocupar com a formação de uma identidade própria que pudesse destacá-los, recortá-los, do restante. O movimento por uma diferenciação desses intelectuais é perceptível na diferenciação desde o século XVII, na França, onde vemos o surgimento das classes de escritores [*écrivain*] e autores [*auteur*]. A própria *Encyclopédia*, de Diderot e D’Alembert, trazia um verbete dedicado aos *Gens de Lettres* (BURKE, 2003). Além disso, e o que mais nos interessa aqui, o dispositivo biobibliográfico foi em muito utilizado para construir as paredes dessa seleção, citamos o *Gelehrten-Lexicon* (Dicionário dos homens de saber) publicado em 1715, segundo Burke (2003). A República das Letras trabalhou, entre os séculos XVII e XVIII, para consolidar sua identidade de grupo, continuamos na esfera da seleção, do destaque para um certo grupo de autores. Algumas biobibliografias auxiliaram este serviço, pondo-os em comunicação, sim, mas também marcando-os e demarcando um grupo seletivo, por exemplo, o trabalho de Jean Pierre Nicerón (1727) e o de Prosper Marchand (1758).

Outro exemplo da formação de um elenco específico, do início do século XVI, é a obra *De medicina claris scriptoribus* (1506) de Symphorien Champier, médico formado na Université de Lyon e primeiro reitor do Collège des Médecins de Lyon. Com muitas semelhanças e diálogos, Otto Brunfels compila o *Catalogus Illustrium Medicorum* (1530). O movimento renascentista também selecionou, Francesco Pertrarca (1304-1374) escreveu seu *De viris illustribus* (Sobre os homens ilustres). Não somente os eruditos e/ou intelectuais das Universidades, em ascensão, tentavam se destacar, a Contrarreforma também se utilizou do discurso biobibliográfico, o *Index Librorum Prohibitorum*, o índice de 1596, apresentou uma lista de autores que não deveriam ser lidos.

No campo da seleção nacional temos *Catalogus Illustrium virorum Germaniae* (1495) de Johannes Trithemius (1462-1516) autor do primeiro repertório biobibliográfico da Modernidade, *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* (1494). O catálogo de Trithemius foi seguido por John Bale (1548) em seu *Illustrium maioris Britanniae scriptorum* (1548) (ARAÚJO, 2018).

A seleção pela língua escrita foi outro traço de contornos políticos para selecionar autores, escritores e tradutores, assim como fizeram La Croix du Maine (1584) e Antoine Du Verdier (1585). Suas obras escritas em francês, não em latim, foram dedicadas, como de costume à época, a sua majestade, o rei. Os enunciados estão embebidos da mesma formação

discursiva verificada, dizem catálogos de autores renomados, ilustres, que escreveram coisas notáveis. Esse capital intelectual humano é reunido para simbolizar o valor, a nobreza, a ilustração da própria nação, na figura do rei. Muitos desses escritores estavam a serviço do soberano (BURKE, 2003).

O corte, a seleção, estão implicitamente colocados de forma discursiva desde os títulos dos instrumentos biobibliográficos até o conteúdo descritivo de cada nome-verbete de seu interior. A biobibliografia estava do lado do autor, ou seja, era na vida dos autores, em sua figura, em suas biografias que se encontravam os traços biobibliográficos. É claro que isso não implicava total abandono ao conteúdo de seus trabalhos escritos. Mas era a vida, a vida ilustre, aquela iluminada (a grande metáfora medieval), aquelas que se destacavam que deviam constar nesses dicionários biobibliográficos. Destacamos autores para os listar.

Partindo da impossibilidade de elencar todos os nomes, a comunidade do escrito tem se valido de certos critérios de seleção para destacar alguns. A análise das fontes de informação, ora recuperadas, permite dizer que havia entre os séculos XV e XVII uma ordem discursiva dominante acerca dos “principais” autores. Categorias como ilustres, marcantes, renomados, célebres, famosos e notáveis foram erguidas para identificar aqueles merecedores de um lugar nas paredes da memória. Por volta do século XVIII até fins do século XIX outros enunciados passam a fazer parte da formação discursiva biobibliográfica, noções como crítica, imparcialidade e precisão passam a figurar. No século XX, o discurso biobibliográfico é utilizado para selecionar, inverte-se o papel da seleção. Se antes selecionávamos e depois registrávamos, no século XX vemos o registro biobibliográfico servir às análises estatísticas, essas é que passam a selecionar os indivíduos e a classificá-los, em mais ou menos meritosos, mais ou menos produtivos.

A noção de seleção está intimamente ligada à própria noção de informação. Maria Nélida González de Gómez (1999) explora o caráter seletivo que intervém na constituição do valor da informação. Ou seja, a seleção, individual e social, participa ativamente na construção do fenômeno informacional compreendido por uma multiplicidade de linguagens inscritas socialmente por sistemas tecnológicos e materiais, postos em circulação por instâncias reguladoras, organizadoras e direcionadoras de fluxos. Para ela, González de Gómez, assim como para nós, a informação já nasce de um processo de seleção do que seja informação. A biobibliografia, por analogia, enquanto produto informacional, já surge com uma ideia de personalidades possíveis de serem biobibliografadas. A política de seleção, ou a ideia daquilo que será selecionado, já está no âmago da emergência dos registros biográficos.

O processo de seleção e classificação dos autores está presente em toda a história biobibliográfica, no entanto, a arqueologia desse material tem demonstrado que essa seleção não é estável ao longo do tempo, nem progressiva, é antes uma seleção repleta de descontinuidades históricas. As categorias da seleção biobibliográfica, que podemos resumir sob o caráter de autores ilustres, não funcionou da mesma forma ao longo do tempo. Essa história arqueológica da seleção biobibliográfica, ainda inacabada, é o que buscamos apresentar.

## ***5.2. Biobibliografia como Livros Referenciais***

Se uma coletividade produz um tipo de artesanato, a biblioteca a seu serviço estará interferindo não apenas na produção artesanal, mas nas relações do

artesão, via o seu trabalho, com o mundo. De qualquer modo a informação (para que o seja) deve interferir na produção. Portanto, um serviço que informa é essencialmente transformador, permanentemente (MILANESI, 1986:252).

A partir do século XVII vemos os artefatos biobibliográficos se despirem, pelo menos na sua forma de descrição dos autores, dos elogiosos adjetivos que fundamentavam os processos de seleção. Parece-nos que o espírito científico moderno crescente à época passa a influenciar o modo de descrição dos autores, imprimindo-os um quadro de referências, certa sistematização das informações trazidas para cada autor listado. Ideias iluministas também estão presentes nos objetivos dessas obras que passam a se assemelhar com Dicionários ou Enciclopédias, formatos que se consolidam na Modernidade.

Denis Simon (1692) escreveu uma obra sobre os principais autores e intérpretes do Direito Civil, Canônico e Privado. Sua obra traz as características do espírito dos autores, conforme dito no título completo da obra, mas também o juízo acerca de suas obras. Perpetuando o enlace entre a vida e a obra do autor, vemos aqui aparecer também avaliações, julgamentos na tradução literal, das obras bibliografadas. Em seu prefácio deixa claro, seu interesse não é tecer elogios aos autores, mas apresentá-los e suas obras para que os leitores possam avaliar aqueles que lhes serão úteis. A seleção fica agora a cargo dos leitores, a partir de informações mediadas de modo mais direto, com ares de imparcialidade, os autores são apresentados sobre um mesmo plano. Além disso, intenciona fazer os autores que pareçam mais difíceis serem melhor entendidos pelos leitores.

A época é marcada pela ordem discursiva da historicidade. Os trabalhos entre o século XVII e XVIII privilegiam essa noção de História. Barral (1758) e Marchand (1758) falam em Dicionário Histórico Literário e Crítico, Ceillier (1729) fala de uma História Geral dos autores eclesiásticos, Jean Pierre Nicéron (1727) diz Memórias para História dos homens ilustres, Dupin (1693) publica sua Biblioteca contendo a história da vida e a cronologia das obras, Simon (1692) escreve Biblioteca Histórica e Cronológica. A Ciência Nova de Gianbattista Vico foi escrita nesse período, o que pode ser também considerado um indício dessa tendência da época. Destaca-se, também, a ideia de informações rápidas e precisas para direcionar a busca do usuário da fonte. Isso está colocado expressamente em Peignot (1821).

### 5.3. *Biobibliografia e as métricas*

In brief, biobibliometrics is the application of bibliometric concepts and methods to analysing biobibliographic data (SEN e GAN, 1990:14).

Camada por camada, o pensamento biobibliográfico vai funcionando em contextos históricos específicos. Desde os meados do século XIX observamos diretórios de informações acerca dos indivíduos de acordo com suas origens geográfico-políticas específicas, queremos dizer, séries específicas de instrumentos de informação acerca dos sujeitos ilustres de uma cidade ou de uma região. São informações minuciosas, específicas e direcionadas. Nérée Quépat, por exemplo, elenca o seguinte *hall* de informações:

Avec leurs noms, prénoms et pseudonymes, le lieu et la date de leur naissance, leur famille, leurs débuts, leur profession, leurs fonctions successives, leurs

grades et titres, leurs actes publics, leurs œuvres, leurs écrits et les indications bibliographiques qui s’y rapportent les traits caractéristiques de leur talent, etc. (QUÉPAT, 1887: página de rosto).

São informações cruciais para uma forma nova de governar, uma biopolítica nascente. Em 1911, Frederick Adams Woods sugeriu, baseado em Dicionários Biográficos, como o de Quépat, e em Enciclopédias, em uma abordagem bastante próxima às ideias eugênicas daquele tempo, uma comparação entre Sófocles e Eurípedes. A comparação, segundo Woods (1911) tratava-se de uma abordagem matemática quantitativa da história, para determinar a superioridade de um sobre outro ele contabilizou o número de linhas ou páginas e número de adjetivos favoráveis e contra esses dois autores nas fontes biográficas e/ou biobibliográficas. Inaugurava-se, portanto, um novo modo de funcionamento do discurso biobibliográfico, estabelecer uma métrica entre os autores, um certo *ranking*.

Os estudos métricos desenvolvidos no século XX dão objetivos precisos a este tipo discursivo. O IBBD publica, na segunda metade do século, um *Quem é Quem* para: “oferecer subsídios para uma análise dos recursos humanos no campo” (INSTITUTO..., 1971, grifo nosso). Na ficha catalográfica, provavelmente confeccionada pelo próprio Instituto, constam as seguintes indicações de assunto - “1. Bibliotecários brasileiros – Indicadores. 2. Documentalistas brasileiros – Indicadores.” -, indicando que as informações biobibliográficas contidas seriam utilizadas não só para conhecimento, mas também como indicadores para análises.

O Currículo Lattes, experiência replicada em diversos países, é a maior expressão no Brasil dessa forma de biopolítica baseada em um discurso biobibliográfico. As informações biográficas e bibliográficas são analisadas para concessão de verba para pesquisa pelos órgãos de fomento, posicionam os pesquisadores dentro do campo acadêmico, além de estarem presentes em diversos outros rituais da academia.

#### **5.4. Biobibliografia e a visibilidade para transformação social**

O que não havia era um corpo de enunciados que tivesse uma vida documentária e institucional numa rede de instituições interligadas, tal que as categorias “o homossexual” ou “o suicida” pudessem ganhar massa e peso de identidades específicas, ou meios específicos de existirem como uma pessoa. Não poderia haver “informação” sobre tais tipos de pessoas (FROHMANN, 2008:29).

Ainda há muito o que corrigir, desigualdades sociais, racismo, preconceitos religiosos, xenofobia, homofobia, transfobia, gordofobia e todos os outros recalques que a nossa miséria social, debochadamente, deixa muito claro no tecido social, para todos e todas verem, a muitos e muitas afetar, mas poucos e poucas para se importar, ainda que crescente. Não é objetivo nosso, aqui, discutir todas essas feridas sociais, no entanto, as admitimos presentes também na cultura bibliográfica e no trato do escrito, e as reconhecemos como grandes problemas ainda por se resolver. Essa questão, em específico, ainda carece de maiores aprofundamentos teóricos e práticos, no entanto, apontamos, aqui, os caminhos de debate por onde a pesquisa tem se construído.

Discutamos, então, em que a Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto saberes sociais das Humanidades, ou, mais especificamente, nosso objeto de estudo, em que a Biobibliografia pode contribuir para uma possível sanidade desses problemas. Levando em consideração as noções de materialidade documentária colocadas por Frohmann (2008), apoiado pelos estudos foucaultianos acerca dos enunciados, podemos evocar o poder do bibliotecário de criar classes, de classificar e indexar seu acervo. Pensamos que há um papel social das bibliotecas no contexto cultural, principalmente, das bibliotecas públicas e comunitárias, na desconstrução dos pensamentos torpes e incorretos da sociedade. Criar séries, dentro da própria coleção, deixá-las em evidência pode ser uma das inúmeras ideias que podem contribuir no micro espaço da biblioteca para quebra de preconceitos. No país com histórico de maior número de assassinato da comunidade LGBTQIA+, por exemplo, mesmo com a subnotificação sabida, é imperioso que as instituições de educação e cultura, como as bibliotecas públicas e comunitárias, auxiliem no processo de conscientização e de quebra desse ciclo. No país, com a desigualdade social, pobreza e fome crescente nos últimos anos é importante fazer emergir dos fundos de nossas prateleiras essas vozes que falam.

Nesse sentido, parece-nos, a biobibliografia ganha local de destaque sobre a classificação por assuntos na comunicação com a população. Há que se fazer a discussão acerca de quem fala, há que se discutir o nível de pertencimento dos autores, sua visibilidade, de onde vem seu conhecimento do contexto social que queremos evidenciar. E isso não desqualifica ou desmerece a discussão de um mesmo assunto por comunidades diversas da sociedade, mas as põe em níveis discursivos diferentes. Queremos dizer que, ao montarmos uma seleção de livros sobre o racismo para deixar em destaque na biblioteca por ocasião do Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial, por exemplo, podemos apenas ajuntar livros que versem sobre racismo. Padrão de um pensamento bibliográfico sistemático organizado por assunto. Outra abordagem é a reunião de livros de autoras negras e autores negros. Nesse caso qual foi o critério de seleção, não foi o assunto, apesar de termos partido dele para pensarmos uma seleção de vidas negras. Portanto, essa segunda, na nossa visão, seria uma experiência biobibliográfica vivida pela biblioteca, no caso hipotético.

Seguindo os caminhos de Solange Mostafa (1985) de uma Biblioteconomia ligada ao processo ativo pedagógico e sua matriz teórico crítica, conforme listada por Gustavo Saldanha (2019), podemos verificar como o pensamento e a práxis biobibliográfica pode se transformar em instrumento de ação libertadora através da visibilidade consentida a determinados grupos de autores. Há aqui discussões a serem feitas em função da questão da identidade, muito presente em estudos sociais e da Classificação e/ou Desclassificação (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011).

Vejamos, por exemplo, dois casos de biobibliografias. Primeiro, o *Autoras negras*, produzido pelo Senado Federal (BRASIL, 2019). Em segundo, podemos citar a *Bibliografia das Publicações indígenas do Brasil*, organizado por Aline Franca, Daniel Munduruku e Thulio Gomes (2019), disponível no Wikilivros. Esta última instituindo a Autoria do povo “caracterizada por publicações onde o principal objetivo é registrar os diferentes tipos de saberes tradicionais e envolve grupos criados com a finalidade de elaborar uma determinada obra” (FRANCA, MUNDURUKU e GOMES, 2019, não paginado). O critério de seleção, não foi o assunto, mas os autores, é a vida deles que se torna critério de seleção.

Fig. 1 – Página do boletim *Autoras Negras do Senado Federal*



Fonte: BRASIL: Senado Federal (2019).

A vantagem da biobibliografia nos casos supracitados é reunir diversos tipos de conhecimento a partir da identidade de seus autores. No boletim de autoras negras do Senado Federal vemos livros que estariam classificados em lugares muito diferentes na biblioteca, e muito provavelmente não estariam indexados por uma negritude capaz de reunir em uma bibliografia para o Dia de Combate à Discriminação Racial, conforme o caso do exemplo. Além de incentivar a leitura de livros que versem sobre a temática, a biobibliografia é capaz de apresentar esses e essas autoras, dando-lhes visibilidade, na linguagem de Frohmann (2008), poderíamos dizer materialidade.

## 6. Considerações finais

As considerações bibliográficas contemporâneas, no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, privilegiam a bibliografia sistemática organizada por assuntos, talvez muito influenciada pela organização sistemática do próprio conhecimento científico e seus currículos. No entanto, consideramos proveitosa, e até mesmo desejável, a relação, no tecimento bibliográfico, entre assuntos e pessoas. A biobibliografia, enquanto lista de nomes próprios pessoais, acrescenta ao serviço de informação a possibilidade de acesso, de encontro, entre leitores, ou pessoas com necessidades informacionais, e o “outro que sabe”, conjunto de pessoas que possa ter domínio sobre o assunto tratado. Indicamos a

potencialidade documental biobibliográfica na constituição de grupos de pessoas, de selecionar e fazer referência, dar representatividade e fazer o conhecimento tácito, experiências de vida, circularem tal como livros. As listas de nomes próprios desvelam para a circulação de saberes e informações daquelas pessoas não autoras, ou seja, incorporam ao acervo saberes orais a partir do acesso, da referência, à pessoa mesma independente de uma função autora de uma obra registrada. A biobibliografia toma, aqui, a função documentalista da realidade vivida. Verdadeiro catálogo de pessoas, como preconiza a ideia de Biblioteca Humana.

A grande história da biobibliografia, como já dissemos, de certa maneira dominante até, aproximadamente o século XVIII, cede lugar à classificação por assunto, herança de um avanço positivista das humanidades, surgindo a tal “imparcialidade” nas críticas e seleções de autores. Em uma sociedade desigual a ação imparcial correta não será a inércia, ou um caráter passivo, ela será a luta pela igualdade social ativa que interfira, sim, na realidade social. Por isso pensamos uma biobibliografia diferente daquela dos ilustres, dos vencedores, ou daquela métrica que apenas vigia para classificar em um *ranking*, mas uma outra-biobibliografia, para fugir a ambígua ideia de hetero-biobibliografia, como diria Foucault.

### **Financiamento**

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq MCTI Brasil) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes Brasil).

### **Referências bibliográficas**

#### **BARTHES, Roland**

2004 A Morte do autor. In BARTHES, R. - *O Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

#### **BOURDIEU, Pierre**

2013 *Homo academicus*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

#### **BOURDIEU, Pierre**

2008 *A Economia das trocas simbólicas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

#### **BOURDIEU, Pierre**

2007 *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

#### **BOURDIEU, Pierre**

1989 *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

#### **BRASIL. Senado Federal**

2019 *Autoras negras: protagonismo feminino*. Brasília: Senado Federal, 2019.

**BURKE, Peter**

2011 A República das Letras Europeia, 1500-2000. *Estudos Avançados*. 25:72 (2011) 277-288.

**BURKE, Peter**

2003 *Uma História social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

**BURKE, Peter**

2002 Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estudos Avançados*. 16:44 (2002) 173-185.

**CRUZ, Anamaria da Costa**

1994 *Representação descritiva de documentos*. Rio de Janeiro: FEBAB, 1994.

**CUNHA, Murilo Bastos da**

2020 *Manual de fontes de informação*. 2ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2020.

**CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. O.**

2008 *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

**DAY, Ronald**

2005 Poststructuralism and information studies. *Annual Review of Information Science and Technology*. 39:1 (2005) 575-609.

**ECO, Umberto**

2010 *A Vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

**FOUCAULT, Michel**

2019 *A Arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

**FOUCAULT, Michel**

2016 *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

**FOUCAULT, Michel**

2006 A Vida dos homens infames. In FOUCAULT, Michel - *Ditos e escritos: estratégia poder saber*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, vol. 4.

**FRANCA, Aline; MUNDURUKU, Daniel; GOMES, Thulio Dias, org.**

2019 *Bibliografia das publicações indígenas do Brasil*. [Em linha]. [S.l.]: Livraria Maracá, 2019. [Consult. 8 jan. 2022]. Disponível em:

[https://pt.wikibooks.org/w/index.php?title=Bibliografia\\_das\\_publicacoes\\_indigenas\\_do\\_Brasil&oldid=474296](https://pt.wikibooks.org/w/index.php?title=Bibliografia_das_publicacoes_indigenas_do_Brasil&oldid=474296).

**FROHMANN, Bernd**

2008 O Caráter social, material e público da informação. In FUJITA, Mariângela S. L.; MARTELETO, Regina M; GINEZ DE LARA, Marilda L. - *A Dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe Editora, 2008.

**FROHMANN, Bernd**

1994 Discourse analysis as a research method in library and information science. *Library and Information Science Research*. [Em linha]. 16 (1994) 119-138. [Consult. 8 jan. 2022]. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0740-8188\(94\)90004-3](https://doi.org/10.1016/0740-8188(94)90004-3).

**GARCÍA GUTIERREZ, Antonio**

2011 Declassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. *TransInformação*. 23:1 (2011) 5-14.

**GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide**

1999 O Caráter seletivo das ações de informação. *Informare*. 5:2 (1999) 7-31, 1999.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO**

1971 *Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil*. Rio de Janeiro: IBBD, 1971.

**MACHADO, Roberto**

1974 A Arqueologia do saber e a constituição das ciências humanas. *Discurso*. 5:5 (1974) 87-118.

**MALCLÈS, Louise Noelle**

1960 *La Bibliografía*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1960.

**MILANESI, Luiz**

1986 *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

**MOSTAFA, Solange P.**

1985 *Epistemologia da Biblioteconomia*. São Paulo, 1985.  
Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**OTLET, Paul**

2018 *Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

**PEIGNOT, Gabriel**

1802 *Dictionnaire raisonné de bibliologie*. Paris: Chez Villier, 1802.

**PIEIDADE, Maria Antonieta Requião**

1983 *Introdução à teoria da classificação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

**POMBO, Olga**

1998 Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Leituras: revista da Biblioteca Nacional [de Lisboa]*. 2 (1998) 19-33.

**QUÉPAT, Nérée**

1887 *Dictionnaire biographique de l'ancien département de la Moselle*. Paris: Alphonse Picard Éditeur; Metz: Libraire Sidot, 1887.

**SALDANHA, Gustavo**

2009 Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In BEZERRA, Arthur Coelho [et al.] - *iCrítica: estudos críticos em informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

**SEN, Subir Kumar; GAN, Shymal K.**

1990 Biobibliometrics: concept and application in the study of productivity of scientists. *International Forum on Information and Documentation*. 15:3 (1990) 13-21.

**VIGNAUX, Georges**

1999 *O Demônio da Classificação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

**Diogo Xavier da Mata | [diogo.biblio@gmail.com](mailto:diogo.biblio@gmail.com)**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

**Gustavo Silva Saldanha | [gustavosaldanha@ibict.br](mailto:gustavosaldanha@ibict.br)**

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Brasil